

# Ronald Cardoso não existe

O presidente Fernando Henrique Cardoso está mudando a cara de seu governo, para pior. Ele parece bem sucedido, seguro e severo. Infelizmente, envergonha-se do que faz de certo e orgulha-se do que faz de errado. Envergonha-se da desvalorização cambial, quando na verdade já deveria estar preparando outra. Orgulha-se das duas emendas constitucionais já votadas no plenário da Câmara quando uma não passava de maracutaia e a segunda, de embuste. Orgulha-se por ter encurralado os petroleiros e envergonha-se de ter dúvidas quanto à conveniência de uma negociação que dê à greve derrotada o remédio da saída honrosa.

Ouvindo-se a retórica do Planalto, o presidente Fernando Henrique Cardoso parece Ronald Reagan negociando com os controladores de voo na primeira grande greve de seu governo.

Reagan avisou que jogaria bruto, demitiu os grevistas e ainda hoje há controladores de voo procurando um rumo na vida, porque foram todos para a rua. Fernando Henrique Cardoso não é Ronald Reagan. Falta-lhe a virtude da obstinação pelas coisas simples, assim como lhe falta a viciosa opção preferencial pelos ricos. Ninguém haveria de imaginar Ronald Reagan numa churrascaria parisiense com o socialista Marcel Rocard e é certo que isso sucederá algum dia. Da mesma forma, ninguém imagina Fernando Henrique deixando o Planalto para ir morar numa mansão em Búzios, paga com uma vaquinha de empresários. Ainda assim, a comparação tem um ponto perigoso. Mesmo sabendo-se que nunca passou pela cabeça de Reagan ficar parecido com Fernando Henrique, é possível que passe pela cabeça de Fernando Henrique ficar parecido com Reagan. Esse é o perigo, porque se trata de uma proposição impossível, já que o papel só tem vaga para um ator.

O professor Cardoso parece inebriado pelo exercício de uma presidência virtual. Comemorou a vitória da votação da primeira emenda do fim do monopólio do gás canalizado quando a Câmara votara apenas uma maracutaia. Tinha ra-

ção o deputado Roberto Campos, que votou quase solitariamente contra o monstrengo. O Planalto comemorou há pouco o que se anuncia como o fim da exclusividade para as embarcações brasileiras na navegação de cabotagem. O que a Câmara votou foi precisamente a persistência dessa exclusividade, que será ratificada em breve com a votação de uma lei ordinária. Num lance mais audacioso, a Presidência da República anunciou que o dinheiro do Fundo Social de Emergência não seria mais usado para empapar regabofes oficiais. Fez-se isso como se bastasse a palavra do portavoz para que o assunto estivesse resolvido, mas a realidade é outra: o dinheiro do FSE continua sendo arrogantemente usado para financiar mordomias.

Fernando Henrique Cardoso fez sua campanha eleitoral com os cinco dedos da mão.

**No papel de  
Ronald Reagan  
só havia  
vaga para um  
ator e  
ele a ocupou**

Saúde, Educação, Emprego, Segurança e Agricultura. Seria injusto dizer que já se passaram cinco meses de governo e nada foi feito. É necessário, contudo, que se reco-

nheça que nada há sendo feito. Segurança? Nada. Há dois fins de semana consecutivos registram-se mais de 60 homicídios na Grande São Paulo. Educação? Emprego? Se os ministros da área econômica não estão mentindo, o que vem aí é desemprego. Saúde? Afora a figura majestosa do ministro Adib Jatene, o que há de novo no pedaço é a idéia de um novo imposto.

Seria possível acreditar que os cinco dedos da campanha eleitoral se fecharam num punho cerrado de intransigência com o mais fraco e juros de 4% ao mês para o mais forte. É possível que o próprio presidente se encante com esse punho, mas não tem jeito: Ronald Cardoso não existe. Ele é uma fantasia benigna de alguns amigos d'El Rey e uma cerebração maligna de alguns dos seus aliados, eternos defensores da intransigência com a biografia alheia. Basta olhar para trás. Não há presidente brasileiro bem sentado na História por ter atirado para baixo. Afinal, como dizia um candidato a presidente da República, "o Brasil não é um país subdesenvolvido. É um país injusto".